

A MÍDIA COMO STAKEHOLDER: UMA ANÁLISE DAS ENCHENTES DE MAIO DE 2024 NAS CADEIAS DE SUPRIMENTOS DO RIO GRANDE DO SUL

JEAN PIERRE GRÖSS DE BRITO¹; LETÍCIA RIBEIRO WANNER²; ANA PAULA FERREIRA ALVES³

¹Universidade Federal de Pelotas – jpgdbrito@inf.ufpel.edu.br

²Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Rolante, RS
– ribeirowannerleticia@gmail.com

³Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Viamão, RS
– ana.alves@viamao.ifrs.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as mudanças climáticas têm sido um dos principais fatores que contribuem para a intensificação de eventos climáticos extremos, a nível global, regional e local. Nesse sentido, as mudanças climáticas representam um desafio social, ambiental e econômico, em conformidade com a abordagem da sustentabilidade como *Triple Bottom Line* (ELKINGTON, 1998). Em maio de 2024, a maior tragédia climática do Rio Grande do Sul, documentada em tempo real pela imprensa, destruiu infraestruturas, bloqueou operações logísticas e gerou prejuízos bilionários (FIERGS, 2024). Consequentemente, as cadeias de suprimentos gaúchas foram severamente impactadas, expondo a vulnerabilidade das operações e a fragilidade humana diante das perdas.

Geralmente, é analisado o papel de atores internos da cadeia produtiva na literatura de gestão da cadeia de suprimentos. A influência de *stakeholders* externos nas operações das cadeias ainda permanece pouco explorada. A mídia, nesse contexto, surge como um ator de grande relevância para as diferentes cadeias, a partir da divulgação de fatos e criação de narrativas. Em muitos casos, a mídia é considerada um “*não-stakeholder*” (ALVES; DE BARCELLOS, 2021). Os veículos de comunicação não servem apenas para reportar, mas podem desempenhar um papel fundamental na propagação de informações, direcionando a atenção para necessidades específicas. Podem também atuar externamente como um *stakeholder* com capacidade de criar pressão, seja na sociedade, nos órgãos públicos ou nas grandes corporações. Dessa forma, a narrativa se molda e se transforma em decisões que afetam toda a cadeia de suprimentos.

A tragédia climática no Rio Grande do Sul, com sua repercussão internacional, oferece um caso de estudo que possibilita analisar a construção da narrativa sobre o que foi divulgado e as ações concretas realizadas através do papel fundamental dos veículos de comunicação nas cadeias de suprimentos. Diante dessas considerações, tem-se a seguinte questão de pesquisa: Como o papel que a mídia desempenhou na cobertura das enchentes de 2024 influenciou as cadeias de suprimento do Rio Grande do Sul? Para suprir essa lacuna de pesquisa, tem-se por objetivo analisar a influência da mídia como *stakeholder* diante dos impactos das cadeias de suprimento atingidas pelas enchentes de maio de 2024 no Rio Grande do Sul, a partir da análise de conteúdo de 299 reportagens coletadas sobre o tema.

Esse trabalho está dividido nas seguintes seções: introdução, metodologia, resultados e discussão, e conclusões.

Palavras-chave: eventos climáticos extremos, análise midiática, stakeholder e cadeias de suprimento.

2. METODOLOGIA

Visando atingir o objetivo, essa pesquisa tem natureza qualitativa. As enchentes de maio de 2024 no estado do Rio Grande do Sul foram selecionadas como caso a ser analisado (YIN, 2001). O caso foi definido a partir dos critérios: (a) caso relacionado às mudanças climáticas; (b) impactos atuais nas cadeias de suprimentos; e (c) disponibilidade e acesso a material para coleta. Entende-se que este caso pode trazer evidências sobre o papel da mídia nas cadeias de suprimentos.

Para examinar o conteúdo midiático sobre as enchentes no Rio Grande do Sul e o papel da mídia como stakeholder das cadeias de suprimento, foram coletados dados secundários. Especificamente, foram coletadas e analisadas 299 reportagens publicadas online de veículos de imprensa nacional e regional entre 2 de maio de 2024 e 25 de janeiro de 2025. As reportagens foram selecionadas a partir de palavras-chave relacionadas ao evento e seus impactos nas cadeias de suprimento. Dados foram analisados através da análise temática de conteúdo conforme Bardin (2011). O processo analítico abordou a organização do conteúdo em categorias temáticas, visando identificar os principais eixos e padrões narrativos da cobertura midiática.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados revelam que, em 2 de maio, a cobertura das enchentes focou no tempo de resposta às emergências, priorizando a mobilização de instituições, empresas, cadeias de suprimentos e figuras públicas para auxílio das pessoas atingidas. No dia seguinte, a mídia já alterava seu foco de discurso e apontava que o evento climático extremo era uma “tragédia anunciada” com base em alertas de alto risco emitidos pelo Cemaden (Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais). No contexto das cadeias de suprimento, a “tragédia anunciada” significa um risco nas operações de todos os elos. Um risco que, por ser previsível, pode ser evitado ou minimizado para que as organizações estejam seguras quanto aos seus trabalhadores, unidades fabris e maquinários, fluxo da logística entre seus elos e segurança de seus insumos.

Desse modo, as reportagens começaram a investigar possíveis causas e responsáveis pelas enchentes que assolaram o estado do Rio Grande do Sul, abordando especialistas e climatologistas. Essa transição do discurso midiático contribuiu para que a população reconhecesse os motivos acerca do evento climático extremo e atuasse pressionando por mudanças preventivas e de reconstrução. Segundo o veículo ((o))Eco, o cientista Carlos Afonso Nobre, pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), afirma que o desastre climático não é natural, mas consequência da ação humana, da negligência e do descaso ambiental. Suely Araújo, ex-presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) aponta o desmonte do licenciamento ambiental ocasionado pelo governo estadual, que causou mudanças estruturais nas áreas de unidades de conservação. A prefeitura de Porto Alegre, comandada por Sebastião Melo, não havia destinado qualquer valor para a prevenção de enchentes (BRASIL DE FATO, 2024). Esses discursos movimentam diálogos que permitiram que recursos financeiros fossem liberados

para reestruturação do fluxo logístico e reconstrução da infraestrutura destruída, bem como acesso ao crédito fosse viabilizado a empresas.

Em um levantamento parcial de danos sofridos com dados de 15 a 29 de maio de 2024 pelas empresas afetadas na catástrofe climática do Rio Grande do Sul, a análise revela uma disparidade significativa: a maioria das organizações são micro e pequenas empresas, das quais 85% não possuem qualquer tipo de seguro (SEDEC-RS, 2024). Contudo, as grandes empresas, como a Gerdau, a Tramontina e a General Motors, ainda que inegavelmente mais resilientes, a paralisação de suas operações ou diminuição do ritmo foi inevitável. Esse é um reflexo direto do impacto na vida de seus funcionários e no cenário logístico de seus fornecedores. A análise das reportagens mostra que a atenção midiática sobre essas grandes empresas esteve voltada também à preocupação com a queda de suas ações na bolsa de valores e à ampla divulgação de doações e ações de solidariedade. Em contraponto, embora a mídia tenha publicado ações solidárias de grandes empresas, estas se mostram insuficientes quando contrastadas com a magnitude de seus recursos e a dimensão da catástrofe. A responsabilidade corporativa, para empresas deste porte, deve ser medida pelo compromisso contínuo com a justiça social, ambiental e econômica, o que pode ser traduzido em ações preventivas, investimentos em infraestrutura adequada e práticas que vão além do que é previsto nos licenciamentos.

Evidencia-se, assim, o relevante papel da mídia como stakeholder, que tanto reforça a capacidade das grandes corporações de liderar mudanças, quanto questiona sua responsabilidade na adoção de práticas sustentáveis. Essa cobertura é, portanto, crucial para a cobrança de respostas e ações preventivas de empresas e governos, visando construir uma nova cultura organizacional na cadeia produtiva.

4. CONCLUSÕES

Essa pesquisa teve por objetivo analisar o papel da mídia stakeholder acerca dos impactos das cadeias de suprimento atingidas pela enchente de maio de 2024 no Rio Grande do Sul. Para tanto, foi conduzido um estudo de dados com coleta de dados secundários e análise temática de conteúdo. Em primeiro lugar, evidencia-se que a atuação midiática teve extrema importância na construção da narrativa e resultados pós-enchentes ao abordar a crise como “tragédia anunciada” e “catástrofe climática”. Desse modo, possibilitou-se buscar as causas que intensificaram o evento e os responsáveis pela manutenção e garantia de políticas preventivas, de infraestrutura adequada e pelo negligenciamento ambiental.

Em segundo lugar, a análise revelou a dualidade da cobertura midiática sobre o setor empresarial. Por um lado, expôs a extrema vulnerabilidade das micro e pequenas empresas, elo mais frágil da cadeia de suprimentos e, em sua maioria, desprovidas de seguros contra desastres. Por outro, ao mesmo tempo que noticiava as ações de solidariedade de grandes corporações, a mídia contextualizou o evento climático ao expor as falhas sistêmicas e a negligência governamental. Ao expor falhas sistêmicas e a negligência governamental, a mídia pressionou por uma responsabilidade corporativa para além da legislação, exigindo um compromisso robusto com a sustentabilidade e cobrando ações do poder público.

Observa-se que, embora a pesquisa demonstre a influência da mídia, permanece a lacuna de como sua cobertura foi, de fato, utilizada na prática pelos

gestores no centro da crise. Sugere-se como continuidade de pesquisa a realização de entrevistas semiestruturadas com gestores de empresas que foram afetadas para que seja possível verificar como a mídia auxiliou na etapa de reestruturação da cadeia de suprimento, no acesso às políticas de reconstrução e crédito.

Este estudo contribui para explorar o discurso midiático perante os acontecimentos referentes às enchentes de maio de 2024 no Rio Grande do Sul e para incentivar a realização de novos debates e novas pesquisas que busquem investigar a responsabilidade social e ambiental de empresas focais e outros elos da cadeia produtiva.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, A. P. F.; DE BARCELLOS, M. D. **Mapping the Key Stakeholders toward Supply Chain Sustainability: Evidence from the Brazilian Beef Supply Chains**. *Latin American Business Review*, v.22, p.423-454, 2021.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL DE FATO. **Enchentes no RS: É preciso, sim, buscar os culpados pela tragédia**. Brasil de Fato, São Paulo, 10 mai. 2024. Podcast. Acessado em 02 jul. 2024. Online. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/podcast/tres-por-quatro/2024/05/10/enchentes-no-rs-e-preciso-sim-buscar-os-culpados-pela-tragedia/>

ELKINGTON, J. (eds.) **Cannibals with forks: the triple bottom line of 21st century business [reprint]**. Oxford: Capstone. 1998.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (FIERGS). **Enchentes afetam mais de 80% da atividade econômica no RS**. FIERGS, Porto Alegre, 08 mai. 2024. Notícia. Acessado em 29 ago. 2025. Online. Disponível em: <https://www.fiergs.org.br/noticia/enchentes-afetam-mais-de-80-da-atividade-economica-no-rs>

((O))ECO. **Rio Grande do Sul: governança para prevenir desastres climáticos**. ((o))eco, 13 mai. 2024. Colunas. Acessado em 02 jul. 2024. Online. Disponível em: <https://oeco.org.br/colunas/rio-grande-do-sul-governanca-para-prevenir-desastres-climaticos/>

RIO GRANDE DO SUL (Estado). Secretaria de Desenvolvimento Econômico. **Gabinete de Apoio ao Empreendedor apresenta levantamento parcial de danos das empresas afetadas pelas enchentes**. Desenvolvimento RS, Porto Alegre, 30 mai. 2024. Acessado em 25 jul. 2024. Online. Disponível em: <https://desenvolvimento.rs.gov.br/gabinete-de-apoio-ao-empreendedor-apresenta-levantamento-parcial-de-danos-das-empresas-afetadas-pelas-enchentes>

YIN, R. K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. 2ª Ed. Bookman: Porto Alegre, 2001.